

GRAMSCI E O MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO DIALÉTICO

Autora: Paula Tárzia Fonteles Silva¹

Coautor: Ítalo Andrade Lima²

Resumo

Gramsci pertence ao período histórico, cultural e político da Itália em que se evidencia a continuidade de uma unidade italiana, que acontece apenas no plano retórico. Tal movimento tende a criar na prática, artificialmente, o que não existe na realidade, uma vez que a unidade italiana foi criada por um momento denominado como *Risorgimento* italiano. É importante compreender o desenvolvimento intelectual de Antonio Gramsci, pois ele parte da influência do positivismo, filosofia dominante na Universidade de Turim que, como tal, fazia parte da sua formação intelectual, para progredir até o marxismo e se tornar, a partir daí, um dos mais importantes continuadores dessa orientação. É, nesse contexto, que Gramsci se torna um militante revolucionário que acredita na transformação do mundo, na prática, e reconhece a necessidade também da compreensão filosófica do mundo. Todavia, Gramsci será um dos mais ferrenhos críticos da filosofia croceana e de seus seguidores. O embate teórico, realizado por Gramsci, em contraposição àquele exposto por Croce, será fundamentalmente uma crítica às formulações que defendem o fim de uma filosofia da práxis. A insistência pelo uso do método materialista histórico-dialético faz que Gramsci reafirme, tanto uma filosofia da práxis, como a necessidade de construção de uma concepção de mundo transformadora, cabendo à cultura um lugar privilegiado na constituição de uma nova sociedade. Consideramos, nesta orientação, a relevância que ocupam elementos como a política, a vida civil, a cultura e a literatura, pois uma reflexão sobre o pensamento de Antonio Gramsci exige reconhecer a especificidade desses elementos na orientação e procedimentos adotados por ele. Nesse sentido, os estudos de orientação marxista, na medida em que pertencem ao universo histórico-dialético, em virtude da pretensão de Gramsci de formular uma filosofia, de caráter popular, destacando a ligação entre teoria e prática.

Palavras-chave: Método. Materialismo histórico dialético. Marxismo.

Abstract

Gramsci belongs to the historical, cultural and political period in Italy which demonstrates the continuity of an Italian unit, which only happens in the rhetorical level. Such movement tends to create in practice artificially, which does not exist in reality, since the Italian unit was created for a moment termed as Italian *Risorgimento*. It is important to understand the intellectual development of Antonio Gramsci, as it of the influence of positivism, the dominant philosophy at the University of Turin, as such, was part of his intellectual training, to progress to Marxism and become, from there a the most important followers of this orientation. It is in this context that Gramsci becomes a revolutionary militant who believes in the transformation of the world in practice and recognizes the need also the philosophical understanding of the world. However, Gramsci is one of the most critical bitterest of Croce's philosophy and his followers. The theoretical struggle, carried out by Gramsci, as opposed to

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). paulatarcia@hotmail.com

² Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). italoandrad27@hotmail.com

that exposed by Croce, is fundamentally a critique of formulations advocating the end of a philosophy of praxis. The insistence by the use of historical and dialectical materialist method is that Gramsci reaffirm both a philosophy of praxis, the need for construction of a transforming world view, while the culture a privileged place in the constitution of a new society. We consider this guidance, the relevance that take elements such as politics, civil life, culture and literature as a reflection on the thought of Antonio Gramsci requires recognize the specificity of these elements in the guidance and procedures adopted by it. In this sense, the study of Marxist orientation, as belonging to the historical and dialectical universe, because of Gramsci's intention to formulate a philosophy of popular character, highlighting the link between theory and practice.

Keywords: Method. dialectical historical materialism. Marxism.

Introdução: Os neohegelianos: final do século XIX na Itália

Retorno ao idealismo romântico, ocorrido na Inglaterra, na Itália nos últimos decênios do século XIX e nos primeiros do século XX. O neo-hegelianismo, assim como o idealismo romântico de que é sucessor direto, tem como tese fundamental a identidade entre finito e infinito, a redução do homem e do mundo da experiência humana ao Absoluto. O neo-idealismo italiano distingue-se no modo de efetuar a redução. O idealismo italiano utiliza as vias positivas, mostrando na própria estrutura do finito, em sua racionalidade intrínseca e necessária, a presença e a realidade do infinito. Tal orientação era também o modo sustentado por Hegel e por todo o idealismo romântico. Os maiores representantes do idealismo italiano foram Giovanni Gentile e Benedetto Croce. Gramsci, nesse sentido, sustenta que os neo-hegelianos fazem no 1º Congresso Internacional, sediado Holanda na cidade de Haia, 1930.

o mérito da doutrina hegeliana é, antes de tudo, o de sua ‘lógica da filosofia’, ou seja, de sua teoria da dialética, como única forma do pensamento mediante o qual esse pode realmente superar, unificando-os, todos os dualismos que, no plano da lógica clássica do intelecto, ele pode apenas constatar, perdendo com isso o sentido da unidade real³.

A posição de Croce e Gentile, a favor de Hegel, é uma tomada de posição a favor do moderno e no que diz a respeito à Itália, a favor do *Risorgimento*, que significa a derrota dos antigos regimes, e o advento do Estado clerical claramente ainda pré-moderno. A filosofia hegeliana com sua expressão da consciência histórica, da possibilidade de mudança e da iniciativa transformadora do sujeito humano, segundo Domenico Losurdo, “desempenhará um

³ GRISONI, Dominique e MAGGIORI, Robert. *Ler Gramsci*, p. 313.

papel importante na preparação ideológica da revolução de 1848”⁴. Nesse sentido deve-se também fazer menção a Croce e Gentile, discípulos italianos de Hegel, pois se empenham na defesa do *Risorgimento*.

Croce e Gentile influenciam os universitários turinenses como também estudantes sardos (entre esses estudantes está o próprio Gramsci). Seria um erro reduzir essa influência à experiência acadêmica ou abstratamente cultural, desses filósofos, no desenvolvimento intelectual italiano, uma vez que eles influenciaram, com suas abordagens teóricas, todo um período histórico na Itália. A tradição neohegeliana é uma nova reflexão interpretativa do marxismo oriunda desses filósofos agem decisivamente na tradição de pensamento italiano. Daí, Domenico Losurdo afirmar que

o encontro com os dois filósofos não é dado originário do qual deriva, com certa variação, o posterior desenvolvimento do pensamento de Gramsci; esse encontro é ele mesmo um resultado, na medida em que constitui uma primeira resposta a um problema que não é acadêmico, mas remete a lutas políticas e sociais reais⁵

Dessa maneira, a influência dos neohegelianos na Itália, ainda no século XIX, demonstra que os estudos acerca da consciência histórica, da dialética e tantos outros elementos ganham notoriedade no meio intelectual italiano: algo que será de fundamental importância para o desenvolvimento teórico não apenas de Gramsci, como também de seus antecessores.

Benedetto Croce, Giovanni Gentili e Ugo Spirito: neohegelianos italianos

Croce nasceu em Pescasseroli (1866-1952) foi historiador, escritor, filósofo e político italiano. Embora Croce tenha sido conhecido como um dos maiores filósofos marxistas, Croce rejeitou o marxismo e elaborou a sua própria filosofia, chamada de filosofia do espírito⁶. O pensamento dialético de Benedetto Croce exerceu profunda influência no panorama intelectual da Itália no século XX. De acordo com Gramsci, “Croce afirma, freqüentemente e prazerosamente, que fez o máximo esforço para afastar de seu pensamento qualquer resíduo

⁴ LOSURDO, Domenico. *Os primórdios de Gramsci: ente o Risorgimento e a I Guerra Mundial*. Roma: Editora Revan, 1997, p. 296.

⁵ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 296.

⁶ Nesse sentido, Croce fez a exposição das suas ideias em forma sistemática, em quatro volumes que tratam de Estética, Lógica, Ética e Filosofia da história. Esses livros foram publicados entre 1902 e 1917.

de transcendência, de teologia e de metafísica, até refutar em filosofia qualquer idéia de ‘sistema’ e de ‘problema fundamental’⁷.

Croce partiu da filosofia da práxis de Antonio Labriola, de qualquer modo, na concepção de Croce, essa identidade com Labriola tornou algo bem diverso da que é imanente ao materialismo histórico os seus escritos de história-ético. Benedetto Croce foi como fermento para os movimentos culturais italianos de 1900 a 1914. Sua notável popularidade se dava pelo fato de criar fortes paixões e criar ou dar lugar a movimentos de caráter romântico⁸. Deve-se, porém, destacar que o elemento mais importante, para popularidade de Croce, é o seu método de pensar e que o distingue dos filósofos tradicionais.

Croce realiza a dissolução de conceitos de “sistema” fechado e definitivo da Filosofia, afirmado que Filosofia deve resolver os problemas do processo histórico em seu desenvolvimento. Nesse sentido, Gramsci afirma que “o pensamento filosófico não é concebido, portanto, como um desenvolvimento de pensamento a outro pensamento, mas como pensamento da realidade histórica”⁹.

Croce de 1912 a 1932 elabora a teoria da história ético-político e tende a permanecer o líder de tendências revisionistas para levá-las até uma crítica radical e à liquidação (política – ideológica) e também do materialismo histórico, atenuado à teoria econômica-jurídica. Gramsci defende que “a redução do materialismo histórico a cânone de interpretação da história, efetuada por Croce, fortalece criticamente a orientação ‘econômico-jurídica’ na escola italiana”¹⁰.

A atitude de Croce, como ponto de orientação de seus escritos, é de haver considerado questões de caráter cultural e moral. Por isso a sua atitude durante a guerra mundial foi a de neutralidade e de demonstrar que isso não era interesse dos intelectuais. Segundo Gramsci

O que importa a Croce é que os intelectuais não se rebaixem ao nível das massas, mas compreendam que uma coisa é a ideologia, instrumento prático para governar, e outra é a filosofia e a religião, que não deve ser prostituída na consciência dos próprios sacerdotes. Os intelectuais devem ser

⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p.310.

⁸ Cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 285.

⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 288.

¹⁰ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 286.

governantes e não governados, construtores de ideologias para governar os outros e não charlatães que se deixem picar e envenenar pelas próprias serpentes. Croce, portanto, representa a grande política contra a pequena política¹¹.

Essa neutralidade evidencia o distanciamento teórico de Croce da filosofia da práxis uma vez que Croce vai aprofundar os estudos na teoria da história ético-política conduzida por uma preocupação: chegar à liquidação do materialismo histórico, “mais pretende que esse desenvolvimento ocorra de modo a identificar-se com o movimento cultural europeu”¹²: a afirmação feita durante período da guerra. Com isso sua teoria historiográfica tentava liquidar qualquer forma de uma filosofia da práxis.

Que a dialética hegeliana tenha sido um (o último) reflexo destas grandes encruzilhadas históricas e que a dialética, da expressão das contradições sociais, deva se transformar, com o desaparecimento destas contradições, em uma pura dialética conceitual, estaria na base das últimas filosofias de fundamento utópico, como a de Croce. Na história, a ‘igualdade’ real – ou seja, o grau de ‘espiritualidade’ atingido pelo processo histórico da ‘natureza humana’ – identifica-se no sistema de associações ‘privadas e públicas’, explícitas e implícitas, que se aninham no ‘Estado’ e no sistema mundial político: trata-se de ‘igualdades’ sentidas como tais entre os membros de uma associação e de desigualdade’ sentidas entre diversas associações, igualdade e desigualdade que valem na medida em que delas se tenha consciência, individualmente como grupo. Desta forma, chega-se também à igualdade ou equação entre ‘filosofia e política’, entre o pensamento e a ação, ou seja, a filosofia da práxis. Tudo é política, inclusive a filosofia ou as filosofias (ver nota sobre o caráter das ideologias), e a única ‘filosofia’ é a história em ato, ou seja, a própria vida. É neste sentido que se pode interpretar a tese do proletariado alemão como herdeiro da filosofia clássica alemã; e pode-se afirmar que a teorização e realização da hegemonia praticada por Ilitch foi um grande acontecimento ‘metafísico’¹³.

Giovanni Gentile nasceu Castelvetro (1875 – 1944) foi um dos filósofos predominantes da Itália no período das duas guerras com sua filosofia neohegeliana. Desenvolveu uma teoria geral do espírito como ato puro como um idealismo atualista que pretendia superar a dialeticamente todas as oposições sem suprimi-las, propondo-se como uma “dialética do pensamento pensante”. Foi nessa filosofia que acreditou ver a realização do fascismo. Juntamente com Croce torna-se um dos expoentes máximos do idealismo italiano, no século XX. Gentile foi membro do conselho fascista.

¹¹ Ibidem, p. 284.

¹² Ibidem, p. 286.

¹³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 246.

Gentile foi ministro da instrução pública do regime fascista a estabelecer caráter obrigatório do ensino religioso na escola primária, alegando que a religião era algo próprio da “infância da humanidade”. Liberal em sua juventude, Gentile tornou-se mais tarde um dos principais ideólogos do fascismo. Gentile, junto com seu séqüitos de Volpicelli, Spirito forma o grupo de colaboradores do *Giornale critico della filosofia italiana*, e instauram um verdadeiro “maneirismo” literário, já que, na filosofia, as astúcias e as frases feitas substituía o pensamento. Gramsci afirma sobre a filosofia de Gentile

A filosofia de Gentile é, em nossos dias, a que mais faz questão de ‘palavras’, de ‘terminologia’, de ‘jargão’, considerando como ‘criações’ nova aquilo que são expressões verbais novas, nem sempre muito felizes e adequadas¹⁴.

Gentile defende a “unidade no ato”, e a possibilidade de reconhecer como “história” aquilo que para Croce era anti-historia. Para Gentile, a história é inteiramente história do Estado. Para Croce, ao contrário, será ético-político, Croce manteu uma distinção entre sociedade civil e sociedade política, e entre hegemonia e ditadura. Para Croce, os “grandes intelectuais exercem a hegemonia, que pressupõe certa colaboração, ou seja, um consenso voluntário: um regime liberal-democrático”¹⁵. Já para Gentile a fase corporativa é uma fase ética no ato histórico “ hegemonia e ditadura são indistinguíveis, a força é pura e simplesmente consenso: não se pode distinguir a sociedade política da sociedade civil: existe só um Estado e, naturalmente, o Estado-governo”¹⁶.

Ugo Spirito nasceu em Arezzo (1896-1979) filósofo italiano discípulo de Giovanni Gentile, que buscava interpretar a economia corporativista proposta pelo fascismo, como uma forma de superação do capitalismo. Ele foi um dos teóricos do corporativismo fascista. A partir de 1936, começa a abandonar o idealismo e a elaborar, naquilo que qualificou como *problematicismo*, criticando a mania da sociedade ocidental quando procura definir um sistema, dado que a realidade espiritual é sempre indefinível, não podendo ser captado a todo pela definição de sistema.

Spirito defendeu o conceito de cidadão-funcionário do Estado, que decorre diretamente da não divisão entre sociedade política e sociedade civil, entre hegemonia política

¹⁴ Ibidem, pp. 187 - 188.

¹⁵ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 436.

¹⁶ Ibidem, pp. 436 - 437.

e governo político-estatal; na realidade, trata-se da anti-historicidade ou a historicidade da concepção do Estado que está implícita na concepção de “Spirito. Apesar de suas afirmações peremptórias e de seus destemperos polêmicos”¹⁷, Gramsci afirma sobre Ugo Spirito:

Spirito não quer reconhecer que, em razão do fato de toda propriedade ser ligada ao Estado, também para os economistas clássicos o Estado intervém em todo o momento na vida econômica, que é um tecido contínuo de metamorfoses da propriedade. Concretamente, a concepção de Spirito representa um retorno ao puro fato econômico, que ele censura em seus opositores¹⁸.

Nesse sentido, Spirito está entre os teóricos mais ou menos inconscientes, uma vez que em seus escritos, especialmente na *Crítica fascista*¹⁹, aparece a preocupação de “ceder alguma coisa para não perder tudo”²⁰. Deve-se ver, nesse sentido, em seus artigos escritos depois do seminário de Ferrara²¹ sobre corporações e a exposição da tese sobre corporação proprietária da revolução passiva, e como ele mesmo afirmava, sem nenhum extremismo de qualquer dialética, tanto da ideal quanto da real. Dessa forma Gramsci segue afirmando

Se o erro de Croce é querer parecer diferente daquilo que realmente é, no mesmo erro incorre Spirito e seu grupo, no fundo, os dois erros praticamente se identificam: trata-se de irmãos siameses em litígios porque excessivamente unidos²².

Gramsci e a sua adesão ao método materialista histórico-dialético

Gramsci começa sua vida política e intelectual com a formação liberal. A filosofia dos neo-idealista e do liberalismo, Benedetto Croce e Giovanni Gentile, constitui a sua orientação teórica para analisar a Itália moderna. A influência de Croce e Gentile possibilitou a Gramsci amadurecer também a valorização crítica do próprio idealismo, rompendo com a efêmera dicotomia entre materialismo e idealismo. Obviamente, Croce não é a única influência sobre Gramsci, pois é importante ressaltar que a interlocução com Croce não faz parte de um período voluntarista do jovem Gramsci. Marx, Lênin e Engels são referências fundamentais

¹⁷ Ibidem, p. 437.

¹⁸ Ibidem, p.437.

¹⁹ Ver nesse sentido. <http://books.google.com.br/books?id=critica+fascista+de+ugo+spirito>.

²⁰ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Cadernos Miscelâneos N° 15, p. 450.

²¹ Ver nesse sentido, *Convegno di Studi sindacali e corporativi, tenutosi a Ferrara nel maggio del 1932*.

²² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Cadernos Miscelâneos N° 15, p. 451.

para compreensão da obra gramsciana, em especial os dois primeiros. Contudo a aproximação com eles não ocorre na recusa ao pensamento croceano.

Na formação do pensamento gramsciano a herança croceana não se configura em um estigma que de todas as maneiras deve ser recusada, sob pena de contaminação idealista, da mesma forma que não se trata de justificar a fertilidade de Gramsci, atestando o alinhamento do seu pensamento com o de Marx e Lênin.

À influência dos dois grandes intelectuais italianos, neo-idealistas e liberais, deve-se também à acepção negativa com qual Gramsci inicialmente usa palavra ‘jacobinismo’. Duríssimo é o julgamento feito por ele, em junho de 1918, a esse movimento político caracterizado pela ‘incapacidade de compreender a história’, por ‘uma visão messiânica da história’, por um discurso totalmente construído sobre ‘abstrações’, pela ‘pretensão política da suprimir violentamente qualquer posição’²³.

O estudo dedicado às polêmicas croceanas contra o racionalismo economicista permite ao jovem socialista sardo uma preparação sólida para o debate com as posições hegemônicas no interior do PSI. O jovem militante, desde a sua adesão ao partido, manteve-se em uma posição política diferenciada das correntes maximalistas e reformistas que dirigiam a organização socialista. O grupo ordinovista²⁴, que Gramsci liderou no interior do PSI e, posteriormente, no PCI, tem sua trajetória de crítica cultural e política marcada pela recusa da visão fatalista do processo revolucionário, que concebia o socialismo como uma realização das leis naturais do desenvolvimento histórico.

A engenhosidade da reflexão gramsciana²⁵ está na revalorização da luta cultural, da subjetividade, do papel dos intelectuais, e sobre a necessidade política do proletariado intervir na "elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isso significa, também, a passagem do 'objetivo ao subjetivo' e da 'necessidade à liberdade'²⁶.

²³ GRAMSCI, Antonio. *O Nosso Marx*. Torino: Giulio Einaudi, [1984]. pp. 148 - 149.

²⁴ Ver nesse sentido, a expressão ordinovista pois se reporta à Revista *L'Ordine Nuovo*, que Gramsci, Togliatti, entre outros, fundaram e dirigiram.

²⁵ É importante destacar que Gramsci não interpreta o marxismo como um discurso totalitário e retórico. A subversão interna dos agentes intelectuais, como comentadores e intérpretes do marxismo, distorceu e fez o marxismo inclinar para uma via mecanicista. Trata-se da cristalização em esquemas dignos de receitas de cozinha, tendendo, rapidamente a distanciá-la do movimento do real. Desse modo, o que os representantes do marxismo mecanicista propõem uma dialética que vai condensar em si o passado, dirigir o presente e considera o futuro.

²⁶ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 53.

Gramsci realizou investigação teórica, cultural e política e sempre estabelecendo condições que permitisse à classe operária italiana a se elevar a uma função de dirigente. Nesse sentido, o projeto gramsciano era legítima na medida em que indica como pressuposto das suas investigações, que propõe ser continuação de Marx, Engels e Lenine e na elaboração de uma nova cultura, que será, para proletariado e o campesinato, a iniciação de uma reforma intelectual e moral²⁷.

Para Gramsci é na união entre teoria e prática que se pode superar divisões refletida nas classes sociais, a saber, entre o simples e o intelectual, o pobre e rico, o plebeu e nobre. A filosofia, para Gramsci, deve servir, antes de qualquer coisa, a uma prática transformadora. Para esse autor, portanto, evidencia-se a necessidade de superar a filosofia tradicionalista que, por muito, se dissocia das questões práticas. Daí Gramsci afirmar que a Filosofia tem que ser um discurso na ação coerente, no vínculo dialético entre teoria e prática, que se traduz na transformação do mundo. Por conseguinte, a filosofia da práxis é uma teoria da prática em movimento, em transformação, fluida, pois adere, estreitamente, à interpretação do real, isto é, ao processo histórico da sociedade. Segundo Gramsci

Só a filosofia da práxis não exclui a história ético-política, como, ao contrário, sua mais recente fase de desenvolvimento consiste precisamente na reivindicação do momento de hegemonia como essencial à sua concepção estatal e à ‘valorização’ do fato cultural, da atividade cultural, de uma frente cultural como necessária, ao lado das frentes meramente econômicas e políticas²⁸.

Nesse sentido, Gramsci defendeu que a “filosofia da práxis” só pode viver em obras concretas da história e faz críticas ferrenhas à redução da “filosofia da práxis” a uma sociologia. Essa redução consistiu, para Gramsci, em reduzir a concepção do mundo a formulário mecânico, que dá a impressão de poder pôr toda a história no bolso.

A experiência sobre a qual se baseia a filosofia da práxis não pode ser esquematizada; ela é a própria história em sua infinita variedade e multiplicidade, cujo estudo pode dar lugar ao nascimento da ‘filologia’ como método de erudição na verificação dos fatos particulares e ao nascimento da filosofia entendida como metodologia geral da história²⁹.

²⁷ Cf. GRISONI, Dominique e MAGGIORI, Robert. *Ler Gramsci*, p. 186.

²⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p.295.

²⁹ *Ibidem*, p. 146.

A contribuição gramsciana, no âmbito das reflexões metodológicas do marxismo, está na recuperação da centralidade da história no projeto teórico-político marxiano e, sobremaneira, no esforço de compreendê-la como possibilidade de superação de todo formalismo racionalista. A história é o momento de identificação entre estrutura econômica e superestrutura ideológica, onde "o ser não pode ser separado do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se faz esta separação, caíssem uma das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido"³⁰ Isto significa dizer que não somente o homem é produto da sua história, das suas relações sociais, como também a lógica que pleiteia esse paradigma é impensável fora da história.

Gramsci e a crítica à filosofia crociana

Apesar de ter sido influenciado pelos escritos de Croce em sua juventude, Gramsci posteriormente refutará a filosofia croceana tendo em vista que terá como base teórica o materialismo histórico dialético. Isso porque Gramsci identifica:

Significado real da fórmula “histórica ético-política”, É uma hipótese arbitrária e mecânica do momento da “hegemonia”. A filosofia da práxis não exclui a história ético-política. A oposição entre as doutrinas históricas crocianas e a filosofia da práxis está no caráter especulativo da concepção de Croce³¹.

Nesse sentido, vale aqui destacar os estudos de orientação marxista, na medida em que Gramsci pertence ao universo histórico-dialético, em virtude de sua pretensão de formular uma filosofia, de caráter popular, destacando a ligação entre teoria e prática. Gramsci compreende o procedimento que leva em consideração a tradição marxista. Daí não se identificar, quanto ao presente procedimento, adotado por Gramsci, qualquer orientação hermenêutica e fenomenológica, uma vez que se trata de uma concepção de procedimento constituída ainda com base nos estudos da relação entre Filosofia e crítica social. Ao diferenciar sua concepção da filosofia da práxis da de Croce, Gramsci afirma que

Segundo Croce, sua posição em face da filosofia da práxis não é a de um ulterior desenvolvimento (superação), pelo qual a filosofia da práxis teria convertido em momento rumo à concepção mais elaborada, mas o valor da experiência teria sido apenas negativo, no sentido de que teria contribuído para destruir preconceitos, resíduos passionais, etc. Para empregar uma metáfora empregada pela linguagem da física, a filosofia da práxis teria

³⁰ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*, p.70.

³¹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 281.

operado na mentalidade de Croce como um corpo catalítico, necessário para obter um novo produto, mas do qual não permanece traço no produto mesmo³².

Gramsci desenvolve uma crítica aos escritos de Croce justamente por se tratar de uma filosofia especulativa, relegando o método materialista histórico-dialético, oriundo da tradição marxista. A filosofia crociana recai num duplo erro: o primeiro desconsiderar o caráter preponderante da filosofia da práxis sob a orientação da filosofia marxista; e o segundo, em decorrência do primeiro, assumir um caráter passivo ante o ascenso do regime fascista. Gramsci descreve que

As marcas de uma filosofia da práxis se encontram na solução de problemas particulares (deve-se ver se o conjunto desses problemas particulares não contenha implicitamente uma elaboração total da filosofia da práxis, ou seja, toda a metodologia ou filosofia de Croce, ou seja, se os problemas não diretamente vinculáveis): a doutrina do erro parece-me a mais típica. Pode-se dizer, em geral, que a polémica contra a filosofia do ato puro obrigou Croce a um maior realismo e a sentir um certo fastídeo, ao menos, pelos exageros na linguagem especulativa dos atualistas³³.

No campo das relações sociais, a filosofia crociana termina assumindo uma determinação de separação entre a atividade ética e política, formulando uma ideologia que tende a criar instrumentos para a prática de determinados grupos políticos³⁴. Nesse sentido Gramsci afirma que

Croce quer manter uma distinção entre sociedade civil e sociedade política, entre hegemonia e ditadura; os grandes intelectuais exercem a hegemonia, que pressupõe uma certa colaboração, ou seja, um consenso ativo e voluntário (livre), ou seja, um regime liberal-democrático³⁵.

Gramsci nos seus preliminares estudos sobre Croce delimita um grande eixo no seu trabalho em “não procurar um problema filosófico geral, mas tentar descobrir uma série de problemas que adere a realidade presente”³⁶. Gramsci defende, nesse sentido, que os critérios do pensamento de Croce devem ser criticados e avaliados não pelo que pretende ser, mas pelo que realmente é e se manifesta na sua obra histórica concreta. Transformando a práxis no próprio método especulativo, segundo Gramsci,

³² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 303.

³³ *Ibidem*, p. 282.

³⁴ Cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 438.

³⁵ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 436.

³⁶ GRISONI, Dominique e MAGGIORI, Robert. *Ler Gramsci*, p. 187.

a filosofia de Croce permanece uma filosofia ‘especulativa’, existindo nela não apenas traços de transcendência e teologia, mas toda a transcendência e a teologia, apenas liberadas da mais grosseira ganga mitológica. A própria impossibilidade na qual, ao que parece, Croce se encontra para compreender o que diz a filosofia da práxis (a ponto de deixar a impressão de que se trata, não de uma grosseira *ignoratio elenchi*, mas de uma astúcia polêmica mesquinha e bacharelesca) demonstra como o preconceito especulativo o cega e o desvia. A filosofia da práxis, certamente, deriva da concepção imanentista da realidade, mas desta enquanto depurada de qualquer aroma especulativo e reduzida a pura história ou historicidade, ou a pura humanismo. Se o conceito de estrutura é concebido ‘especulativamente’, torna-se certamente um ‘deus oculto’; mas ele não deve ser concebido especulativamente, e sim historicamente, como o conjunto das relações sociais nas quais os homens se movem e atuam³⁷.

A principal virtude de Gramsci foi a compreensão das limitações do neo-hegelianismo italiano, ao mesmo tempo em que percebeu e denunciou a redução naturalista do fenômeno sócio-histórico, operado pelos seus contemporâneos marxistas, que se somavam as outras versões do cientificismo reinante na Europa, daquele período, entre as quais se destacavam os darwinistas, os spencerianos e, principalmente, os positivistas.

É possível dizer que uma grande parte da filosofia de Benedetto Croce representa esta tentativa de reabsorver a filosofia da práxis, incorporando-a como serva da cultura tradicional. Mas, como se vê pelo *Ensino*, também seguidores da filosofia da práxis que se chamam ‘ortodoxos’ caem na armadilha, concebendo eles mesmos a sua filosofia como subordinada a uma teoria geral materialista (vulgar), enquanto outros a subordinam o idealismo³⁸.

A indicação da política de Gramsci era como um motor de toda a sua investigação; a visão dialética do nexos estrutura-superestrutura e sociedade-Estado como centro de seu marxismo; a convicção de que o momento “nacional” dificilmente pode ser evitado na luta pela hegemonia: como não ver a correção e a utilidade de tais chaves hermenêuticas, diante de tantas interpretações modernas, culturalistas, neo-idealistas, “liberais”, às vezes interessantes e até mesmo prova intrínseca da grandeza de um autor.

A presença dessa crítica ao logicismo, na formação teórica do jovem Gramsci, não se limita aos textos croceanos, porquanto na obra marxiana, o jovem socialista sardo, encontrou acesa a polêmica do jovem Marx com a tradição neo-hegeliana. Gramsci pertencente a uma orientação filosófica sobre o universo social e político, adota um procedimento que pretende,

³⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), p. 297.

³⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Volume I, Caderno 11 (*Introdução ao estudo de filosofia*), p. 153.

antes de qualquer coisa, uma abordagem histórico-dialética em relação à época e à sua experiência. Ademais é preciso considerar, na sua orientação, a relevância que ocupam elementos como a política, a vida civil, a cultura e a [...] reconhecer a especificidade desses elementos na orientação e procedimentos adotados por ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras do autor:

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, [1948]. Trad. Carlos Nelson Coutinho Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização brasileira 2006.

_____. Antonio. *Cadernos do Cárcere*, [1948]. Trad. Carlos Nelson Coutinho Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização brasileira 2006.

_____. Antonio. *Cadernos do Cárcere*, [1948]. Trad. Carlos Nelson Coutinho Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização brasileira 2006.

_____. *La Questione Meridionale* [1966]. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira, Rio de Janeiro: Paz e terra 1987.

_____. *Letteratura e Vita Nazionale*, [1950]. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

Obras sobre o autor:

LAJOLO, Laurana. *Gramsci um uomo sconfitto*. [1980]. Trad. Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: brasiliense, 1982.

GRISONI, Dominique e MAGGIORI, Robert. *Lire Gramsci*. [1973]. Paris: Éditions Universitaires.

BUEY, Francisco. *Actualidad del Pensamento Politico de Gramsci*. [1977]. Buenos Aires: Grjalbo.

FIORI, Giuseppe. *Vita de Antonio Gramsci*. [1974]. Napoles: Laterza.

I JOINGG – JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI
VII JOREGG – JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI

Práxis, Formação Humana e a Luta por uma Nova Hegemonia

Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação

23 a 25 de novembro de 2016 – Fortaleza/CE

Anais da Jornada: ISSN 2526-6950